

A FALECIDA – CORPO E HISTERIA

Filme A FALECIDA. Direção de Leon Hirszman. Brasil, 1965.

Gonçalo Moraes Galvão

Psicanalista. Membro da EPFCL – Fórum SP. Mestre em Psicologia, Especialista em Ciência Política. Graduado em filosofia. Professor da Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista. E-mail: gsgalvao@uol.com.br

Será Zulmira a Madame Bovary brasileira? A obra de Nelson Rodrigues nos joga, em certa medida, nas questões colocadas por Flaubert tempos atrás.

O filme fracassa em bilheteria, mas atinge seu intento de conseguir trazer à tona questões que estampam a angústia feminina e a tentativa de dar conta daquilo que é se deparar com sua própria imensidão vazia. Zulmira está para além de si mesma, pois coloca em jogo o tempo todo o vazio feminino que imponderavelmente caracteriza a condição humana e mais propriamente a feminilidade. Continente negro e pouco devastado; é assim que Freud nos apresenta o que é o feminino.

Não podemos nos esquecer que *A Falecida* é o primeiro longa-metragem de Leon Hirszman e o primeiro filme, no cinema, de Fernanda Montenegro, que opôs certa resistência para assumir o papel, pois se achava uma mulher de teatro.

Era pra ser *Nossa Senhora dos Afogados*, mas foi *A Falecida*... Era pra ser Glauber Rocha, mas foi Leon Hirszman... assim se dá a história dessa produção primorosa naquilo que nos apresenta. O diretor escolhe *A Falecida* pelos conteúdos que essa peça apresenta, sendo que destaca a possibilidade dos desdobramentos desses mesmos conteúdos se entrelaçando para formar algo da mais dura realidade humana:

Costumava ler o Nelson Rodrigues dos folhetins, de “A vida como ela é”, em que ele fazia uma revelação muito interessante de tipos e comportamentos. Fixei-me em “A falecida”, uma peça que tratava da alienação de uma mulher, cujo marido está desempregado. Ela passa a viver uma realidade interior, a obsessão da morte, da autodestruição, para se vingar da sociedade que a oprime. Não se tratava apenas de uma aberração, mas de um discurso mais amplo. A história combinava uma dimensão psicanalítica, pessoal e uma dimensão social. (CALIL, 1995, p. 16)¹

Não podemos perder de vista que o diretor confessa que, de alguma maneira, acaba por se encontrar com elementos que dizem respeito à sua própria história, de onde saca vivências muito próximas àquelas

1 Trecho de “É bom falar”, compilação de entrevistas concedidas por Leon Hirszman, organizada por Carlos Augusto Calil, com a colaboração de Arnaldo Lorençato. O texto foi originalmente publicado no catálogo produzido pelo Centro Cultural Banco do Brasil, para acompanhar a mostra retrospectiva “Leão de Ouro”, em 1995.

que acabam por enquadrar com a lente de sua câmera, reconcilia-se com elementos de vivências que haviam ficado ao longo do caminho – deixados de lado: “Em *A Falecida* encontrei minha convivência com o subúrbio, o desemprego, a alienação, a presença do futebol, valores que me eram muito próximos. Por isso me apaixonei por ela e quis filmá-la” (CALIL, 1995, p. 17).²

Jean-Claude Bernardet, em seu livro intitulado *Brasil em Tempo de Cinema*,³ aponta para dois momentos de construção do filme *A Falecida*, sendo que, segundo ele, temos, na primeira parte do filme, a marca de Hirszman, em que a degradação da vida da classe média e seus processos de alienação explicam de certa forma essa vontade de morrer da personagem interpretada por Fernanda Montenegro – não há motivos para morrer a não ser a languidez da vida. Seguindo ainda Bernardet, percebe-se o quanto coloca, por outro lado, na segunda parte, num outro universo que nos lança exatamente na tentativa de explicação do comportamento dessa moça e o porquê de sua desistência de viver. Assim estamos no universo propriamente de Nelson Rodrigues, com sua psicanálise de folhetim – uma mulher que se sabe adúltera e que foi flagrada por sua prima/vizinha. Assim, em retrospectiva, sabe-se os porquês das dores de Zulmira. Mas como fica algo de que o próprio Jean-Claude se dá conta na confecção do filme, ou seja, o tempo do filme é tão curto que torna inverossímil a evolução

psicofisiológica que a leva à morte; assim, a alienação, a vontade de morrer apresenta-se como um fenômeno em si naquele meio degradado, há um estar para além de si mesma, ou seja, para além de suas condições de realidade suburbana de classe média. Se, por um lado, isso não deve ser ignorado, por outro, temos um momento ímpar para pensar questões que dizem respeito à estrutura feminina propriamente dita para aquilo que a mesma comporta de vazio. Sendo mais particularmente a histeria como um elemento que vem muitas vezes coroar esse fenômeno a feminilidade em si mesma.

Freud nos dá o caminho das pedras ao propor nos textos da “Psicologia do Amor” dois textos que se propõem a trabalhar diretamente com essa temática: “O tabu da virgindade” e “A feminilidade”. O que encontramos aí e que pode nos ajudar a pensar a mulher? O que podemos pensar de Zulmira?

Personagem tanto mais real por viver fora da realidade, Zulmira é fascinada pela ideia da morte, da sua própria, que ela espera seja o grande momento de sua mesquinha vida. Mas até isso lhe é negado; quando falece, o desejo não se cumpre, muito pelo contrário, o enterro de luxo que ela planejava se reduz a um de terceira classe.⁴

É verdade que Zulmira põe em jogo algo que parece estar para além dela mesma... e põe em jogo algo que está para além de suas vivências... traz a questão do ser feminino

2 Id.

3 Publicado originalmente em 1967, pela editora Civilização Brasileira, e em edição mais recente, em 2007, pela Companhia das Letras.

4 Crítica originalmente publicada no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, em 18 de setembro de 1965, por Beatriz Azevedo de Mello, que adotou o pseudônimo de Tati de Moraes após se casar com o poeta Vinicius de Moraes, em 1939.

como fundamentalmente inconsistente na ordem que se estabelece na vida – o vazio feminino a coloca em uma solidão que não lhe permite se agrupar entre iguais, pois não há iguais. Como propõe a música de fundo de Nelson Cavaquinho: “Sempre só, eu vivo a procurar...”

Freud inventa a psicanálise, sim! Descobre o inconsciente, mas não sem as histéricas: ao mesmo tempo em que essas mulheres faziam frente ao saber médico com o seu corpo, também colocavam em cena a fala como precipitadora de uma outra ordem, sendo que isso será algo que não passará despercebido ao pai da psicanálise – não se pode perder de vista que a histerica vai ao médico para questioná-lo, ou seja, para fazer a ele a mesma pergunta de sempre, que diz respeito ao sexo. Questiona a sexualidade escancarada em seu corpo que reverbera em forma de sintoma: o que sabe? Quem você pensa que é? O que eu sou? O que quer uma mulher?

Dessa forma, a histerica obriga o médico a uma nova leitura do corpo, sendo que muitas vezes irá se apoiar sobre os signos escritos ou inscritos no próprio corpo. A histeria acusa o quanto o corpo é atravessado pela linguagem, ou seja, está para além da simples anatomia: a entrada na linguagem impõe a perda do corpo anatômico que ressurgirá como um corpo vestido pelo imaginário e marcado pelo significante.

Assim, é impossível não refazer o caminho que tem como questão: qual é o corpo que se apresenta à psicanálise? Que corpo é esse? Vimos que, desde o início, Freud irá sublinhar de forma veemente os efeitos do inconsciente no corpo, ou seja, o inconsciente

tendo efeitos sobre o corpo. Assim fica evidente que quando se fala de corpo estamos para além dele mesmo enquanto pura anatomia, fisiologia e cinesiologia – estamos em frente ao corpo do sujeito. Corpo esse que é efeito da linguagem, que se faz na separação do corpo e do sujeito, que somente se faz possível pela própria intervenção da linguagem: “O corpo, há de se fazer! Não se nasce com um corpo”, afirma Florência Farias. Dizendo de outra maneira, está em jogo afirmar que o corpo se constrói secundariamente, enquanto efeito da palavra. Penso que Zulmira escancara esse aspecto...

Isso parece ficar claro na proposta de Lacan no “estádio do espelho”, no qual, para que o sujeito se reconheça como integral, como um corpo inteiro, produto de uma unificação, se faz necessário um outro – a criança somente adquire a imagem de seu próprio corpo pela via da identificação com a imagem desse outro. Não se pode deixar de lado que, para que haja a identificação imaginária, é imprescindível o acesso à estrutura da linguagem, ao registro simbólico: a constituição da imagem corporal é, portanto, um efeito que advém do simbólico.

O fenômeno da histeria presentifica essa questão, sendo que isso se evidencia de modo muito claro no caso Zulmira: a histeria busca nomear-se como mulher através da imagem de seu corpo, buscando esgotar na imagem a pergunta pela feminilidade – é uma maneira de nomear o inominável no lugar do feminino, já que sua própria feminilidade lhe é estranha, ela venera através de seu próprio

corpo o mistério da Outra mulher, que detém (supostamente) o segredo do que ela é – vide Glorinha.⁵

Então, o que nos diz a histeria sobre os sintomas corporais? Não parece exagero afirmar que a histeria, de certa maneira, “reinventa um corpo no corpo”, faz como se a anatomia não existisse, pois joga com a mesma de uma forma curiosa: alimenta sintomas que institui uma improvável e duvidosa geografia corporal, realiza sobre uma anatomia imaginária que responde às necessidades de seu sintoma – Zulmira parece esclarecer tal posição. Assim vai ficando claro que para a histeria o desafio é fazer corpo com o seu sintoma.

Assim, vemos, no universo de *A Falecida*, algo que se coloca para além de uma crítica social ou ainda uma psicanálise de folhetim. Temos um encontro marcado com a complexidade de um personagem que, na simplicidade de sua vida, vive a própria existência e o seu lugar no mundo. Parece que Zulmira visita a cartomante naquela manhã chuvosa com a secreta ambição de ver confirmada o vaticínio de sua morte. A partir da experiência excepcional dessa mulher fascinada, extasiada por uma ideia mórbida, tem-se, em definitivo, a visão impiedosa de seu mundo fechado, onde os seres, assim como ela, não têm a força para se conscientizar de sua própria desgraça, de sua própria tragédia e assim poder se implicar com elas de outra maneira – sofre os efeitos do inconsciente sem poder alcançá-lo, resignadamente. Perde-se

em labirintos cuidadosamente urdidos por superstições, mistificações sociais e religiosas e autoengano, embrenha-se em sua própria trama. Zulmira não pode lidar com a vida, com o sexo e assim somente lhe resta um namoro interminável com a morte.

Referências

- FARIAS, F. El cuerpo de la histórica El cuerpo femenino. Disponível em: <http://champlacanien.net/public/docu/3/rdv2010pre5.pdf>
- FREUD, S. (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v. 9. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1910/1996). Um tipo especial de escolha de objeto nos homens. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v. 11. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1912/1996). Sobre a tendência universal da degradação na esfera do amor. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v. 11. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1917/1996). O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, v. 11. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago.
- HIRSZMAN, L. (1965). *A Falecida*. Filme baseado na peça de Nelson Rodrigues com o mesmo título. Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1960a/1998). Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

5 Prima de Zulmira com a qual fica clara a ambivalência das relações: idealizada e amada por um lado e odiada e perseguidora por outro.

LACAN, J. (1960b/1998) Subversão do sujeito e dialética do desejo no Inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Recebido em 24/5/2011; Aprovado em 25/6/2011.